Angústia – Graciliano Ramos

*Angústia*, obra do aclamado escritor [Graciliano Ramos](https://www.coladaweb.com/biografias/graciliano-ramos), foi publicada em 1936, tendo como principal característica a descrição dos estados de alma dos indivíduos que se questionam o tempo todo sobre si e o mundo. O protagonista do romance, Luís da Silva, funcionário público e escritor frustrado, confessa desesperadamente ser autor de um homicídio. O estopim foi o fato da vítima, Julião Tavares, ter conquistado a mulher que Luís da Silva amava.

A estrutura “desordenada” do texto narrativo escrito em primeira pessoa descreve a mente perturbada do narrador e personagem Luís da Silva. Utilizando o recurso do monólogo interior, Graciliano Ramos faz ajustes ao ponto de vista do seu narrador que conjuga o uso da memória pela imaginação.

Graciliano Ramos nos conta fatos que aconteceram há um pouco mais de um ano antes dele decidir escrevê-los, pelos indícios no romance é possível delimitar a ocorrência dos acontecimentos entre a década de 1930, especificadamente após o golpe da Revolução de 30, e o ano de sua conclusão, 1936.

RESUMO:

Angústia é um romance narrado por seu protagonista, funcionário público e escritor diletante Luís da Silva. No início aparece o seguinte enunciado:

*Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.*

O enunciado é uma prenunciação do que está por vir nas mais de duzentas páginas seguintes do romance que abordarão a história de Luís entre sombras e a confissão de que só se aprende a realidade através de fragmentos.

Luís vive revivendo suas frustrações intelectuais, memórias de infância, desejo pela vizinha Marina e ódio de Julião Tavares que lhe rouba a mulher amada.

O romance imerge no estado psicológico do narrador-personagem visto como um homem complexo e atormentado que vira refém do ciúme e do ressentimento até que comete um homicídio. Luís ao saber que Marina, sua amada, mulher fútil, havia sido seduzida por Julião e abandonada grávida e que o meliante já estava com outra mulher, começa a imaginar o crime e o realiza estrangulando Julião com uma corda; em seguida, o pendura num galho de árvore para representar um suicídio.

Análise dos principais personagens

Os principais personagens de **Angústia**são:

* **Luís da Silva –** funcionário público de 35 anos, inconformado com as condições precárias nas quais ele e as pessoas do seu meio vivem. É inteligente, mas rude e amargurado pela vida difícil, na qual têm origem suas preocupações sociais.
* **Marina –** moça que representa muitas mulheres de sua época, carregada de futilidade e criada em um ambiente familiar de costumes rigorosos. Tem uma personalidade volúvel e se deixa levar pelo desejo de riqueza e conforto. É tida mais como um prêmio ou posse de Luís e Julião do que como mulher.
* **Julião Tavares –** homem rico que faz questão de demonstrar e se aproveitar de sua alta posição social. Por sua vez, possui linguajar rebuscado, com certo formalismo exagerado, como que para expressar a classe social à qual pertencia. Além disso se mostrava um patriota vazio, ou seja, sem ideais políticos.

A narrativa do livro

A obra é narrada em 1 ª pessoa, pelo próprio Luís da Silva, e se destaca pelos diálogos interiores do protagonista. Os sentimentos de Luís são tão envolventes que o leitor também fica angustiado com as situações vividas pelo personagem. A forma de narrar é estendida e achatada com a intenção de causar determinados efeitos, que são enriquecidos por uma linguagem cheia de coloquialismos nordestinos.

**Simbologia no romance de Graciliano Ramos: a corda, a cobra e os ratos**

Há alguns símbolos citados com frequência no romance, como a corda, a cobra e os ratos. De acordo com pesquisas no dicionário de símbolos literários, a cobra, além de apresentar o fálico, um constante confronto pessoal do personagem protagonista, vai ainda representar a falsidade (Julião Tavares?). A corda, assim como a cobra, representa de certa forma o fálico, portanto, fornece também uma ideia de busca da redenção, salvação. Os ratos a sujeira que o personagem enxerga à sua volta e a já citada necessidade de uso da água, para lavar a sujeira que lhe toma.

## *Angústia*

Luís da Silva nunca fora um homem que teve facilidades na vida. Nascido e criado em Alagoas, tinha uma vida muito humilde quando seu pai faleceu, vivendo de favor na casa de cada conhecido, totalmente desamparado, até começar a pedir esmolas e dormir em bancos de praça. Tudo culmina para que seu fracasso aumente cada vez mais, até que é aprovado num concurso público. Começa a trabalhar na Diretoria do Tesouro, em Maceió, e para gerar uma renda extra, escreve artigos sob encomenda para jornais locais.

O emprego o faz conseguir ter uma vida minimamente razoável, pois o salário é baixo e as dívidas são muitas, vivendo de forma precária numa casa decrépita assim como a vizinhança, que se preocupava prioritariamente em cuidar da vida alheia. Completamente – e até mesmo insanamente – apaixonado por Marina, sua vizinha, inicia um relacionamento com ela e ficam noivos. A situação financeira do personagem piora ainda mais, pois agora precisaria também gastar com o enxoval do casamento que assumira.

A personalidade de Luís da Silva é marcada por tudo o que vivera. Seu histórico de vida, sua precária e pressionada criação e toda a opressão que lhe cercava não o fizeram um homem submisso, que simplesmente abaixaria a cabeça para os contratempos da vida sem questionar os motivos pelos quais vivia daquela maneira. Seu desejo íntimo era de também oprimir, tanto quanto era oprimido. Quando expressava opiniões sobre pessoas ou mesmo sobre outro assunto, revelava um caráter amargurado e rude, como se durante toda a vida remoesse e ruminasse suas decepções e tristezas. A sua existência poderia ser considerada ordinária, não era relevante para outros, para a sociedade e nem para si próprio, mas seu interior era deveras perturbador, sempre se atormentando por lembranças da infância e frustrações intelectuais.

Julião Tavares era um homem gordo, rico, risonho e conquistador. Luís da Silva não poderia evitar odiá-lo, dada a discrepância entre as condições de cada um, mas o ódio passou dos limites quando Tavares conquistou Marina. Encantada com a vida que poderia ter ao lado de um homem rico, a moça simplesmente desmancha o noivado com Luís, sem lhe dar qualquer explicação plausível.

A mágoa, a decepção e o ódio que nutria aumentavam cada dia mais, fazendo crescer um Luís um espírito de vingança perigoso. O personagem extremamente negativo e pessimista ganha ainda mais motivos para nutrir seu desejo de vingança quando descobre que sua amada e desejada Marina fora frivolamente seduzida por Tavares, utilizada como um objeto qualquer e abandonada grávida, enquanto Julião já estava relacionando-se com outra mulher.

Tirar a vida de seu concorrente tornou-se para Luís um ato do qual ele não podia mais escapar, e nem queria deixar de cometê-lo. Para ele seria uma questão de honra. Assim, começa a trabalhar a ideia de matar Tavares incessantemente, até concretizá-la estrangulando-o com uma corda. Para simular um suicídio, Luís o pendura pela corda em um galho.

Narrando a própria história, Luís confessa no fim da obra o homicídio que cometera, não apenas pelo ódio contra o concorrente, mas também por toda a frustração e angústia acumulada que sofrera em sua vida, libertando-se do rival ao matá-lo, mas também das decepções que o rondavam.

Enfim, por todos esses motivos Angústia encaixa-se facilmente entre os tesouros que a Literatura Brasileira apresentou até agora, merecendo ser mais do que lido – tem de ser degustado em outras situações que não a sufocante em que todo vestibulando se encontra.

*Angústia*

Publicado em 1936, Angústia, de Graciliano Ramos, é dos romances mais ricos que a Literatura Brasileira produziu, pois consegue passear tanto pelo campo social, quanto pelo existencial, psicológico e até metalinguístico.

Primeiramente, pode-se interpretar a obra como reveladora da crise resultante da mudança de sistema, o que se vê pelas transformações que se processaram geração após geração, de Trajano, senhor de terras que fora poderoso, passando por seu filho, Camilo, que sedimenta a derrocada, terminando em Luís da Silva, o narrador, fruto de todo esse declínio.

Nesse contexto, o conflito que se estabelece entre o protagonista e Julião Tavares, este tomando daquele a posse da afeição de Marina, pode ser entendido como representação de uma nova ordem que se está estabelecendo e para a qual Luís da Silva estava completamente inadaptado.

Tal metamorfose abre caminho para um tema típico de Graciliano Ramos, que é a opressão, representada por Julião Tavares, descendente de uma família de ricos comerciantes, e que usa o dinheiro para conquistar mulheres, aproveitar-se delas e depois largá-las em meio à desonra sexual (antes mesmo de estabelecer seu relacionamento com Marina, Julião Tavares já carregava uma história escandalosa com outra moça pobre. Livrara-se do transtorno graças ao seu poder econômico).

Como oposição, Luís da Silva é o oprimido, tendo tudo em seu histórico caminhando para o seu rebaixamento. Além de ser preterido por Marina sem qualquer justificativa, tem um histórico de vida recheado de dificuldades. Com a morte do pai, vê-se desamparado, vivendo de favor de casa em casa. Parte, tornando-se retirante, chegando a dormir nos bancos de praça e a pedir esmolas. Até que vira um humilde funcionário público, o que lhe dá um equilíbrio precário, pois se atola em dívidas, aumentadas com as despesas iniciais para o parco enxoval do casamento que havia assumido. Mora numa casa decrépita em uma vizinhança mais decrépita ainda, exageradamente preocupada em cuidar da vida alheia. Tem como empregada uma senhora cheia de manias, que acompanha pelos jornais com paixão as chegadas e partidas de navios e enterra seus trocados no fundo do quintal (tal oposição fica bem simbolizada pelo relato que o narrador faz do comportamento dele e de Julião Tavares nos bancos do bonde. Este sempre tomava de forma desabrida mais de um lugar. Aquele fazia o máximo possível para não incomodar ninguém, chegando até a repousar de forma dolorosa meia nádega).

No entanto, Luís da Silva é um oprimido não de todo submisso. Por pressões de toda a sua criação e do histórico de vida, aprendeu a ser humilde; porém, tem a vontade de oprimir também, mas essa fica sufocada. Ainda assim, seu vocabulário e as opiniões que expressa sobre as pessoas revelam um caráter rude, amargo e, principalmente, déspota, denunciador de uma personalidade que remói uma decepção em relação ao meio em que vive e à sua existência (de uma certa forma, esses dois aspectos, o pessoal e o social, estão fortemente ligados).

Essa sua índole faz-nos desconfiar, portanto, dos ideais revolucionários (tênues, por sinal) que chega a alimentar. Tem a expectativa de que o socialismo, tão pregado por Moisés, um amigo judeu, efetive-se. Assim, Julião seria enforcado e Marina se dedicaria a trabalhos assistenciais. Na realidade, não há preocupação com justiça social, mas apenas desejo de desforra, de vingança. Tanto que o próprio narrador tem uma postura misantropa, achando-se superior à massa, ao proletariado, principalmente quanto ao domínio da linguagem. Outro argumento que põe em dúvida seus ímpetos socialistas é o fato de achar ruim Julião Tavares espalhar filhos pelo mundo e não ter juízo negativo quanto ao seu próprio avô, Trajano, que fez o mesmo entre as mulheres que andavam em suas terras.

Aliás, a preocupação com o domínio das técnicas de comunicação, principalmente a escrita, perpassa todo o romance. O narrador avalia as demais personagens pela relação que estabelecem com o código linguístico. Marina tem sua futilidade em parte causada pelas leituras que realiza (seria uma referência a Luísa, de O Primo Basílio, romance de Eça de Queirós? Lembre-se de que é notória a ligação de Graciliano Ramos à literatura do grande escritor realista português). Julião Tavares possui linguagem empolada, dotada do formalismo oficial, excelente para expressar seu patriotismo vazio, retórico (referência ao Conselheiro Acácio, de O Primo Basílio?). Moisés não tem o Português como língua mãe, o que torna o seu falar carregado de sotaque e em momentos cheio de perífrases que substituem uma expressão exata que provavelmente não consegue encontrar. Seu Ramalho, pai de Marina, tem sempre as mesmas histórias, contadas da mesma forma, sem colorido.

No campo da linguagem, de fato, Graciliano Ramos constrói um romance muito bem sucedido. Tudo é de uma economia surpreendente, nada é desperdiçado, nada é gratuito, cada detalhe contribuindo para o sentido geral da obra. O vermelho da maquiagem de Marina, seus sapatos, suas roupas contribuem para que se vislumbre uma personagem por demais sensualizada, estouvada e vazia, já que se preocupa apenas com as aparências. As pulgas, percevejos e principalmente os ratos que infestam o ambiente em que mora o protagonista não só representam a situação falida em que se encontra, como também simbolizam o aspecto baixo, degradante das pessoas que o cercam, ou como ele as vê.

Mas a principal simbologia é aquela que antecipa (dentro da extrema economia do romance, há muitas simbologias que servem para antecipar fatos. Lembre-se da grávida em quem Luís da Silva esbarra na rua. É um elemento que funciona como uma premonição. Já ficamos preparados para a bombástica notícia da gravidez de Marina) o crime que será cometido no final da narrativa. Fala-se constantemente dos fios da companhia de energia elétrica ou então do cano que está vazando (aliás, as ideias de umidade, oleosidade e viscosidade, presentes em água, urina, saliva, suor, entre outros aspectos citados no romance, é muito comum na obra) na casa do protagonista ou, até de forma obsessiva, da cobra que se havia enroscado no pescoço de Trajano. Todos esses objetos estão ligados à corda que o pedinte Ivo dá para Luís da Silva, despertando neste, desejos homicidas.

Sua vontade será saciada. Sufocado com a ideia de ter sido abandonado, indignado com o fato de Marina ter sido largada pelo cortejador, o que apressou nela um processo de decadência que culminou até no recurso criminoso do aborto, o protagonista atinge o ponto de ebulição quando toma conhecimento de que Julião Tavares estava impunemente de caso novo. De maneira doentia vigia os passos do seu oponente, até que numa madrugada surpreende-o voltando da casa da amante recente. Com a corda, que não saía do seu bolso, estrangula-o. Deixa-o pendurado numa árvore, a simular um enforcamento.

Tal delito, como se percebe, mostrava-se fruto de uma angústia em que se via Luís da Silva. É interessante lembrar que esse sentimento, freudianamente, é resultado de um desejo sexual não realizado. Pode parecer extrapolação de interpretação, mas vale a pena lembrar que a sexualização é outro elemento recorrente na obra. A maneira como o protagonista deseja Marina atinge um nível quase insano. D. Mercedes, vizinha do narrador, é amásia de um figurão da sociedade, o que lhe garante seu sustento. Veste-se de forma chamativa, de forma a angariar a admiração de Marina. Um dos seus vizinhos, o mais recluso e apelidado de Lobisomem, é vítima da maledicência da rua, que o acusa de abusar de suas próprias filhas. Ou então a forma ruidosa – a ponto de toda a vizinhança ouvir – em que D. Rosália e seu marido faziam amor.

Toda essa erotização acumula-se de forma torturante em Luís da Silva, inspirando-lhe críticas moralistas as mais ácidas, mas que no fundo revelam ser recalques, ou seja, resultado de desejos não realizados. Tudo se torna uma bomba de efeito retardado, que, enquanto não é detonada, vai massacrando a existência do narrador, mergulhando-o numa verdadeira angústia obsessiva. Quando se pensa que é descarregada graças ao assassinato de Julião Tavares, descobre-se que a situação não está resolvida, pois o protagonista cai em outra tortura mental, um misto de culpa e medo de ser descoberto. Não tira mais da cabeça a ideia de conseguir perder a consciência. Cai, portanto, mais uma vez, na angústia, piorada pelo fato de não poder livrar-se de sua agonia.

Esse aspecto é tão forte a ponto de nortear a narrativa, que se mostra circular, não-linear (mas bastante coesa). Começa-se o livro em meio às reflexões de Luís da Silva, de mãos feridas, que não consegue realizar o seu serviço, pois em todo canto vê o rosto de Julião Tavares e se lembra do esganamento. Acompanhamo-lo, então, em seu mergulho na rememoração de todo o contexto que gerou o assassinato. É uma sondagem existencial que vai vasculhar a memória do narrador (o mais interessante é que, como dizia um crítico, quando realiza uma fuga para a infância, não percebe que está indo justamente na direção das causas de todos os seus problemas), o que faz de Angústia uma obra que antecipa o romance intimista ou o psicológico. Nesse ponto, é interessante ver como os fatos vão puxando outros e compondo, no final de uma narrativa impressionantemente em nada caótica, o todo de uma personalidade em que o aspecto psicológico interpenetra-se ao social.

É bastante significativo, quanto a essa técnica de efabulação, o modo em que o elemento exterior acaba-se misturando ao interior, comunicando-se. Veja como isso ocorre no trecho abaixo.

Não me continha: saía de casa e andava à toa por estas ruas, fatigando-me em caminhadas longas. O inverno tinha começado, quase sempre caía uma chuvinha renitente. Ia sentar-me num banco da Praça dos Martírios, e os pingos que tombavam da folhagem das árvores molhavam-me a cabeça descoberta e escaldada. A sentinela cochilava no portão do palácio. Ao pé do morro, pedaços da igreja fechada apareciam entre os ramos. Um barulho horrível de motores e rodas. Automóveis a roncar. Todos queimavam gasolina misturada com perfume. Depois um rádio começava a trovejar óperas. O cheiro e o som tornavam-se insuportáveis. Esforçava-me por esquecer o nariz e o ouvido, abria os olhos. A sentinela cochilava encostada ao fuzil. Serviço pau. Um pobre homem dormindo em pé. Acordava, escancarava a boca, via com tédio as grades do jardim, o hall deserto, a escada ao fundo, vermelha. O tapete vermelho da escada me dava impressão desagradável. Podia ser de outra cor. As luzes do farol mudavam de minuto a minuto, branca, vermelha, branca, vermelha. Por que não aparecia uma terceira cor? Aquilo era irritante, mas o farol me atraía. Pelo menos variava mais que a sentinela, tinha mais vida que a sentinela.

Nesse excerto, Luís da Silva está atormentado com a ideia de Marina ir de carro à ópera na companhia de Julião Tavares. As lembranças da moça vestida de forma chique e seu perfume misturando-se à gasolina do veículo, além do vermelho, cor predileta dela e sua marca registrada, vão-se fundir de forma obsessiva, ecoando em vários elementos da praça. O mundo externo, na verdade, passa a ser visto filtrado e reinterpretado pelo transtorno mental do narrador. Ou melhor, deturpado.

Essa confusão mental constrói-se de forma tão intensa que monta um processo de esquizofrenia no qual o protagonista extrapola na mistura entre realidade e imaginação, o que revela uma mente doente e massacrada pelo meio, já que, alijada do sistema a que pertence e de suas benesses, acaba se tornando aleijada. É o que se percebe no excerto a seguir.

“Como seria a cara de d. Albertina? Imaginei-a magra, pálida, séria, correta. Não havia motivo para Marina esconder os olhos.

– Faça o favor de descobrir o rosto. Não se acanhe. Tão natural!

Depois voltariam as regras.

– Dois meses? Perfeitamente. Agora a senhora toma precauções, usa isto, usa aquilo.

Exatamente como se Marina estivesse no consultório de um médico, sarjando um tumor. Nenhum sinal de crime ou de ação proibida. A seringa na água que borbulhava, um frasco sobre a mesa da cabeceira, quadros de anatomia nas paredes, a chama do álcool tremendo, a voz calma de d. Albertina a prescrever medidas de segurança. Uma senhora pálida e franzina, de rosto sereno e boas intenções.

– Não se acanhe. Fique à vontade.

Nenhuma alusão a qualquer espécie de falta. Direita, fria, falando baixinho, empregando termos escolhidos.

Mas porque era que d. Albertina, parteira diplomada, com longa prática, deveria ser assim e não de outra forma? Talvez fosse diferente. Os anúncios não valem nada, papel aguenta tudo (A desconfiança e a depreciação da linguagem escrita é um tema muito comum na obra de Graciliano Ramos. Lembre-se de que em Vidas Secas Fabiano pensa que as palavras difíceis (comuns na forma impressa), apesar de sedutoras, deviam esconder ladroagens. Paulo Honório, em São Bernardo, considerando-se homem prático, acha o discurso literário e seus “floreios” algo inútil. Luís da Silva não escapa dessa mitologia, o que é interessante, pois é uma personagem que está do outro lado da questão, já que domina o código impresso. Está acostumado a redigir textos agressivos com opiniões das quais não participa, muitas vezes até contraditórias entre si; fá-lo apenas porque está sendo pago. Por isso chega a pôr descrédito em relação ao que abstratamente se chama “opinião pública”, montada que é de uma forma tão inautêntica), como dizem os matutos. D. Albertina era uma velha gorda e mole, sem diploma nem prática, de óculos ordinários e hálito desagradável, mal-educada, resmungona. Marina estava deitada numa cama nojenta; nas paredes nojentas não havia gravuras de anatomia: havia quadros de santos, retratos coloridos, páginas de revistas. Sem lavar as mãos duras, de unhas compridas e negras, d. Albertina examinava brutalmente o corpo de Martina, arranhando-a, machucando-a, rosnando:

– Era melhor deixar-se de vergonhas e descobrir a cara. Quando andam na pândega, não têm esses luxos. E depois parem bem na bananeira. Feias coisas.

Mostrava os dentes amarelos de selvagem. Seria assim d. Albertina? A cliente mordia as cobertas sujas, continha a respiração, fechava os olhos, apertava as coxas e engolia o choro.

– Abras as pernas, criatura. Donde vêm esses dengues? Assim ninguém pode trabalhar.

O dinheiro do trabalho fora recebido adiantadamente. Marina dera nome falso e endereço errado, temendo a exploração de d. Albertina.

– Não vale a pena a senhora se incomodar. Eu apareço, compreende? Se houver necessidade, eu apareço.

– Quanto devo?

O homem cabeludo deu a conta. Joguei uns níqueis no balcão, disse frases sem sentido (…)”

É importante reparar como a imaginação de Luís da Silva, ao retratar a parteira que fará o aborto em Marina, oscila radicalmente entre o idealizado e o grotesco em questão de instantes, enquanto está no bar em frente, espionando sua ex-noiva em sua “consulta”. E o faz de maneira tão viva que é como se o imaginário fosse de fato real. Além disso, reforçando o que foi dito anteriormente, há ainda a mistura, no último discurso direto, entre o plano interno-imaginário (a quantia a ser paga pelo aborto) e o planto externo-real (a quantia a ser paga pela bebida).